

**QUARTA-FEIRA**  
Lisboa -- 6 de Maio de 1931

**50 ANOS**  
**TOSTÕES**

**5.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**259**



sempre  
**fixe** semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASÇENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. 20271, 20272, 20273  
RUA DA ROSA, 57

# A comparencia dos funcionarios

«A doença do funcionario, superior a 8 dias,  
será obrigatoriamente mandada verificar»



O funcionario: — Poupe-lhe passos, sr. dr.; tem de me observar aqui mesmo, porque casa é «luxo» que já não tenho.



## Os ditos da semana



**Cabeça de cavalo** A população de Madrid, nos primeiros momentos do triunfo republicano, destruiu algumas estatuas régias substituindo as galhardamente pela bandeira da República e pelos retratos dos fazilados de Jaca.

O vandalismo não se justifica, mas explica-se pelo entusiasmo das primeiras horas que é sempre iconoclasta.

É aquele povinho que tinha ido ali ao Palácio do Oriente apelar Atonso XIII do trono, já que estava com a mão na massa, apeou também Filipe IV e, se mais Filipes não deitou abaixo, foi porque os não encontrou no seu caminho. Como, porém Filipe IV estava a cavalo derrubaram-lhe também a montada. O rei parece que ainda se aguentou intacto, mas o cavalo perdeu logo a cabeça. São sempre assim estes animais que se deixam cavalgar pelos reis. Quando lhes falta o dono, o cavaleiro, perdem a cabeça. Isto é da história e é de todos os tempos.

Mas agora quer o alcaide de Madrid reconstituir a estatua ou, pelo menos o cavalo, como obra de arte, para ornamento da praça ou recheio de algum museu e oferece um premio a quem apresentar a cabeça do cavalo.

Se a gratificação for coisa tentadora não faltarão cabeças de cavalo.

Lamentamos o pobre animal que naturalmente, nem sequer tinha politica nenhuma.

**Touros** Quando se chega ao tempo das touradas, o portuguezinho valente que se preza não se priva de dar um salto a Madrid ou Badajoz para ver touros de morte. A uns leva-os a «aficion», a outros apenas o desejo de se libertarem da carraça da mulher por um dia ou dois, a todos os desejo de largar um «picapo» a espanholita graciosa com que se cruza na rua.

O Anibal Neto vai como os outros, como aquela Maria do ditado popular e, se não vai para fugir á carraça que não tem, vai com certeza por causa dos touros e das mulheres.

Ha pouco ainda foi ele a Madrid.

Toureira Bejarano.

A certa altura, porque o trabalho do espada lhe não agradasse, o Neto exclamou:

—Bejarano está com medo.

E logo do lado lhe salta um espanhol:

—Porque diz o senhor que ele está com medo?

Calculando que, involuntariamente, maguara uma pessoa chegada ao toureiro, propunha-se doirar a pilula com uma evasiva, mas antes interpelou á cautela:

—O senhor é da familia de Bejarano?

—Não senhor.

—Pois então digo-lhe que ele está com medo.

Mas desta vez o Neto afirmou já com menos convicção, calculando delrontar-se com um grande aficionado, destes que sabem tudo, que sabem até ás vezes mais do que os touros e os toureiros, porque o Neto não se sentia com forças para grandes discussões tecnicas com um mestre.

Dali a uns instantes voltou novamente á carga:

—Não ha duvida, está com medo.

E mais uma vez o espanhol interveiu:

—Oh! senhor, mas diga-me lá porque diz isso.

—É eu torno a perguntar-lhe, diz o Neto, se o senhor é da familia do espada?

—Já lhe disse que não.

—Então que lhe importa ao senhor que eu diga que ele tem medo?

—É que é a primeira vez que assisto a uma tourada e gostava de saber como é que se conhece que os toureiros tem medo.

**Anúncios** Mais uma vez recorremos ao nosso torcedor de todas as semanas:

### Empregado

Oferece-se, com pratica de embalagens e balcão, da as melhores referencias ou qualquer outro emprego. Resposta a este jornal ao n.º 8.

## Dr. Augusto Monjardino



Póde haver tão bons operadores. Mas melhores não ha com certeza. Feitos pelo dr. Augusto Monjardino, as operações não precisam de prova real...

A primeira vista parece tratar-se dum pedido de emprego, mas não é. Trata-se duma mudança.

Da as melhores referencias, diz o anuncio, ou qualquer outro emprego. O sujeito quer fazer uma troca, quer mudar de emprego, por isso dá um que já tem por outro que mais lhe convenha.

Pois está com muita sorte, porque a maior parte da gente que anuncia não tem emprego nenhum.

### Maçagista

De beleza, vai a casa das clientes. Diz Telef. 2.3932.

Olha que grande coisa. E se calhar ainda exige que lhe paguem. Para fazer maçagens a qualquer beleza também nós vamos a casa das clientes e inteiramente de graça. E, bem conversados, ainda somos capazes de levar um ramo de flores.

1-7-930

Recebi tua carta. Nossa situação impõe cada um cumprimento seu dever. Peço não voies a escrever-me.

Tampa!

Final não é a virtude que triunfa. É a força das circunstancias. Ninguém está para perder uma situação.

Olhe senhor um-sete-noventa e trinta, (não sabemos trata-lo doutra forma) não desespere. Daqui a tempos torne a aparecer. A's vezes as situações modificam-se.

sempre  
**fixe**

**Expediente** Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas. . . . .	Ano: 26\$00
	Semestre: 13\$00
	Trimestre: 6\$50
Colonias portuguesas. . . . .	Semestre: 15\$00
	Ano: 30\$00
Estrangeiro. . . . .	Ano 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

**Anúncios** Isto, agora, é por tabela.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

ORA até que enfim no cartaz do Variedades não aparece o nome de Carlos Rodrigues como autor das revistas que se tem exibido naquele teatro.

A que está agora em scena é de Xavier de Magalhães. Já não creem sem tempo que este autor metesse uma revista naquele teatro!...

■ ■ ■

AFINAL, não é só *Greve do Amor*. E' também *greve de graça*.

■ ■ ■

O *Zabumba*, no Apolo, deixou autores dos chamados consagrados de cara á banda. Ficaram azambados com o *Zabumba*!

■ ■ ■

CHABY Pinheiro vai fazer a sua festa com o *Euzebio*.

Será o Euzebiosinho dos *Matas*, aquele menino enfezado e bromelicante?

Se assim é, o papel asenta como uma lava no nosso Chaby...

■ ■ ■

ERICO Braga tenciona realizar a sua festa artistica com uma peça de grande espectáculo e uma revista, em um acto, de sua autoria.

A fazer revista desta maneira, ainda havemos de ver o Erico elevado á categoria de *consagrado revisiteiro* e a *mêler técnica* na revista dos novos...

■ ■ ■

A saída de Avenida, diz um soldado para um marinhoiro:

— O' pá, estás córado?

— Pudera! Com aquilo até o meu sargento córava!...

■ ■ ■

NUM teatro de Lisboa succedem-se as revistas do mesmo autor. Ora assinado com um nome, ora assinado com outro, o autor é sempre o mesmo.

Já é coragem... e talento!

■ ■ ■

JA' chegou a Lisboa o simpático actor Estevão Amaral. Consta que vai escrever um livro de memorias.

■ ■ ■

AFINAL, que companhia é que

## Receita médica



— O meu medico recomendou-me oculos verdes para beber agua com a ilusão de beber vinho verde.

vai fazer a epoca de verão no Trindade?

Não se sabe ainda ao certo, mas o *Sempre Fixe* já pode dar, em primeira mão, a noticia de que a empresa é José Loureiro...

Os leitores devem estar admirados da nossa perspicacia, porque isto é uma verdadeira caixa jornalística...

■ ■ ■

VAO enxertar as *Glandulas de Maenco* no teatro do Gimnasio.

Será para *rejuvenescer* a empresa?...

■ ■ ■

COMO o publico fugiu do Nacional, o Robles meteu-lhe aquela piada da *Fuga*.

Agora que ele começou a aparecer, o Robles já diz que é *A Volta*...

■ ■ ■

CARLOS Leal pediu aos seus colegas que lhe enviassem discos para os doentes do Sanatorio do Outeiro. E os primeiros que lhe apare-

## Luis Teixeira



Primeiro livro, primeiro exito. *Cronicas leves, saborosas, como cavaças das Caldas*, terra do autor. A «amostra» é boa: pôde talhar obra a valer.

ceram foram oferecidos pela Beatriz Costa, com quem o simpático Carlos Leal teve ha pouco tempo um pequenino amuo.

Foi até um caso muito *discotido*!

■ ■ ■

O publico gostou de ver o *Verde Gato*.

E' um passaro bonito, que canta bem e que ostenta a sua plumagem mais modernista. Por tudo isto, e pelo mais que tem ainda, deve estar muito tempo no poleiro.

■ ■ ■

ESTREIA-SE amanhã, no Porto, uma revista intitulada *Vida Nova*. Temos, então, *Vida Nova* no Porto! E em Lisboa?

■ ■ ■

E, para fechar, uma anecdota, que é autentica:

Rafael Marques, numa das suas *tournées* á provincia, mandou fazer uns cartazes onde se dizia, pouco mais ou menos, o seguinte:

*Rafael Marques, primeiro actor, societario do Teatro Nacional e cavaleiro da Ordem de Santiago.*

Como a *tournee* foi de inverno, todos os artistas da companhia iam vestidos com fatos muito grossos e ainda com uma boas capas á alentejana, que os cobriam até aos pés. Apenas um, o actor José Gambôa, é que, num gesto de requintada elegancia, vestia umas calças á *Chantilly*, botas de montar e gabardine de truncheira.

José Gambôa, por acaso, foi um dos primeiros artistas da companhia a entrar em certa vila, sendo logo rodeado pela população curiosa. Começaram a tratá-lo por Rafael Marques.

Gambôa, muito admirado, declarou que não era aquele actor. Então, o farmacutico da terra, pessoa intelligente pelos modos, disse:

— Ora essa, então a gente não vê que o senhor é o Rafael Marques!

— Porquê? — perguntou o Gambôa, admirado.

— Peço desculpa, mas é! Porque os cartazes dizem: «Rafael Marques, cavaleiro da Ordem de Santiago», e o senhor é que traz botas á cavaleira...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.

## Graça dos outros

O psicólogo: — Pela configuração da sua cabeça, vê-se que o senhor tem uma memória extraordinária.  
O elogiado: — Muito bem! Faça favor de escrever isso num papel, porque senão esqueço-me...

\*\*\*

No cinema:  
— Entao a senhora está a chorar?  
— Que quere? quando vejo estes filmes esqueço todas as minhas tristezas!

\*\*\*

Es muito atrevido! Entao tu dizes que teu pai vai todos os dias á escola?!

Vol, sim, senhor! E' profes-

\*\*\*

A criada: — Chegou a mãe da senhora!

O patrão: — Porque não dizes a minha sogra?

A criada: — Para não o assustar...

\*\*\*

No barbeiro:  
O oficial: — Gosta das fitas faladas?

O freguês: — Nem das fitas faladas, nem dos barbeiros faladores...

\*\*\*

A patroa: — Esta noite não venha muito tarde! Lembre-se que tem de se levantar ás seis horas da manhã!

A criada: — Oh! Não tenha cuidado! A essa hora já devo estar de volta...

\*\*\*

Entre amigas:

— Pois é extraordinario!  
— O quê?  
— Desde que o medico lhe disse que não podia trabalhar, meu marido ficou logo bom...

\*\*\*

— Pobre homem! E ha muito tempo que não tem trabalho?  
— Olhe: nasci em 1899... faça-lhe a conta as contas!...

\*\*\*

Entre noivos:

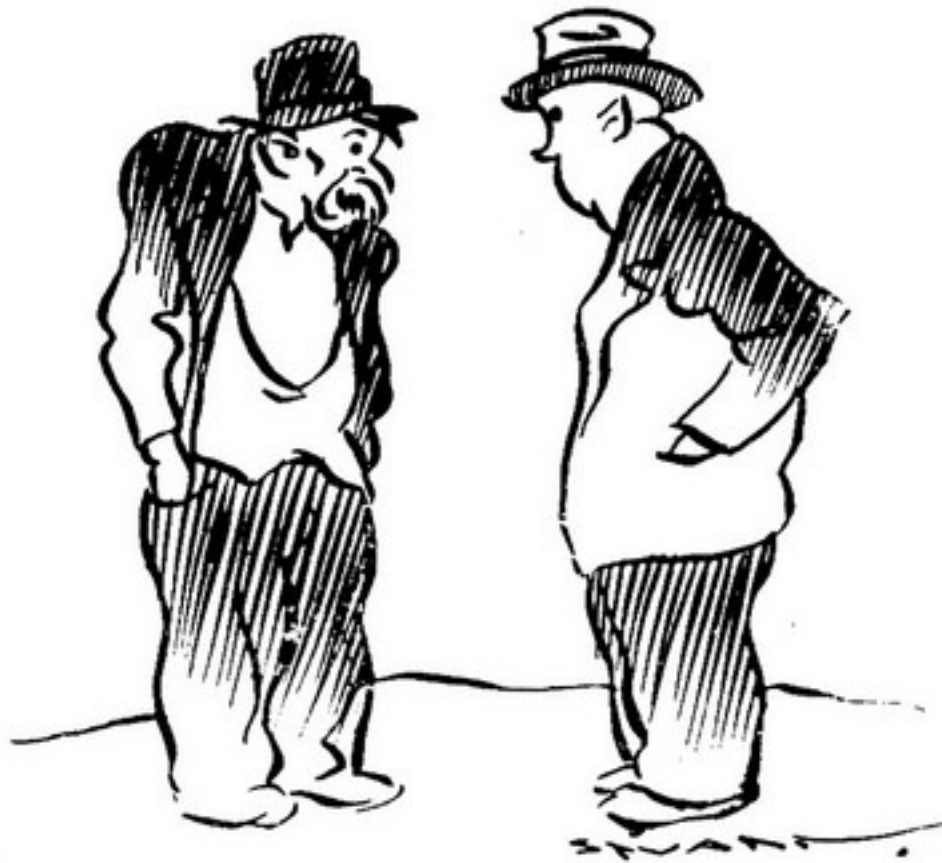
Ela: — Tu sabes alguma coisa de cozinha?

Ele: — Sei! Abro admiravelmente as latas de conserva...

\*\*\*

A mãe: — Se o menino chorar, ponho o aparelho de radiofonia a trabalhar.

A criada: — Mas ele cala-se?  
A mãe: — Não é por isso, é para os vizinhos não o ouvirem gritar...



— Você, que tem um estomago de ferro, não beba vinho.  
— Pois agua é que eu não bebo para o não enferrujar.

## A PEROLA DOS CAIXEIROS

O Estanislau era o melhor caixeiro dum grande estabelecimento de meias e peugas da Baixa. Freguês que lhe caisse nas mãos, era certo e sabido que comprava sempre o dôbro do que tentavam. Os patrões tinham, por isso, uma enorme consideração pelo caixeiro e tinham para com ele umas certas regalias e atenções que não tinham para com os outros empregados da casa, menos habilidosos do que o Estanislau. O bom do caixeiro tinha, por exemplo, como vantagens, o mesmo ordenado que os outros, entrava mais cedo e saia muito mais tarde que os colegas e era tratado com o mesmo desdém com que os patrões tratavam os outros empregados.

O Estanislau, além do ordenado, tinha também, para compensar o seu trabalho, uma grande regalia que os outros também tinham: era a comissão, e era vê-lo, portanto, quando entrava algum cliente, o bom do nosso caixeiro atirar-se a ele como gato a bofe e não o largar senão depois de ele comprar nem que fosse o calcanhar duma peuga. O Estanislau nunca hesitava para apanhar o freguês; saltava por cima dos colegas, atropelava-os, dava pulos por cima do balcão, mordida enfim, fazia o demónio, mas acabava triunfante por apanhar o freguês. Os colegas, é claro, arrelhiavam-se, outros iam á farmacia mais proxima pensar a centusão sofrida na refrega, etc. Algumas vezes, aflito e chelo de sofredão, com medo que o freguês fosse para outro empregado, o Estanislau chegou até a atirar-se ao freguês de tal maneira que não era raro ficar-lhe pendurado nos colarinhos, na gravata, no chapéu, ás cavalitas em qualquer parte do

corpo. O cliente, muito arrelhiado com a recepção feita pelo empregado, ás vezes retirava-se indignado, a murmurar improperios injustos contra aquelle modelo de caixeiro.

Em um dia, entrou uma pequena tipo criadita, mais bonita que feia, gentil. O nosso Estanislau, que estava ao fundo do balcão, assim que a viu, veio aos pinotes por ali fora, atropelou três colegas e um deles gravemente (pelo que teve que ir para a sala de observações do hospital) e filou a freguesa pelas canelas, não a largando mais.

— A menina o que queria? Era um par de meias? de algodão? de fio de Escocia? Então é de seda? Eu tenho aí umas muito baratas que lhe devem agradar.

— Não... eu o que queria... era... E não poudo falar, porque ele atacou logo:

— Ah! não?! Entao é peugas? E' para o seu marido? Você tem marido? E' pena, uma menina tão catita e já casada! Não é para o marido? Então é para o seu filho? Não se me dava nada ser o pai da criança.

— Não! Era...

— Ah! não! Era camisolas talvez? Temos boas. E aqui neste balcão! O quê, também não é? Ah! já sei! São gravatas. Tenho de todos os preços. Venha cá, meu amórsinho.

— Não, também não era...

— Então o que é que a menina, que é tão boa, quere?

— Eu queria que o senhor me trocasse dez mil réis.

O Estanislau calu com uma síncope, porque os colegas menos gananciosos do que ele tinham todos apanhado fregueses...

## Uma operação

Ambrosio é um dos cidadãos que fazem parte dos 600.000 habitantes da miú nobre e leal cidade de Lisboa. Este nosso amigo, desde que comprou umas terras no Alemtejo, tem andado sem vintém. O dinheiro que deu pelas ditas terras fez muita falta, ao ponto de chegar a mandar para o prégo as cuécas da cara metade para comer umas sopas que lhe aliviassem a debilidade.

A semana passada, encontrei-o á porta da estação do Rossio. Não parecia o mesmo Ambrosio que frequentava a «Brasileira» e que ia ás estrelas dos cinemas de elite.

— Então que fazes, Ambrosio?

— Sabes lá a situação em que me encontro. Não tenho dinheiro...

— E então que fazes aqui? — perguntei.

— Que faço? Disseram-me que aqui cada dia desembarca um.

— E depois?

— Depois? Depois estou á espera a ver se arranjo para as sopas.

— O quê?... o quê?... Tu nesta vida? E já sabes o perigo que corre?

— Qual perigo, qual carapuça! Ha mais de quinze dias que aqui páro, e ainda não me aconteceu perigo algum.

Ante-entem á noite, quando cheguei a casa, encontrei o Ambrosio.

— ?!

— Resolvi endireitar a minha vida. Eu te conto.

— Diz.

— Naquelle dia em que nos encontramos desembarcou um. Claro está, tratei de negociar a máquina de fazer as notas. Ia tudo muito bem. O homem daí a pouco passava-me a corrente e o relógio para as mãos. Mas depois pensei. Que estás a fazer, Ambrosio? Tu, proprietario dumas terras no Alemtejo, a fazeres negocios destes? Desisti, entreguei a corrente e o relógio ao dono e contei-lhe a minha vida. O homem — coitado! — condoendo-se da minha sorte, ofereceu-me o que eu quizesse para eu endireitar a minha vida. Perante tão grande rasgo de generosidade, pedi-lhe duzentos contos emprestados. O homensito — coitado! — prontificou-se logo a emprestar-me essa quantia pelo prazo de dez anos. Como vês, é uma pechincha. Neste lapso de tempo posso muito bem endireitar a minha vida, com tão grande quantia.

— Pois é claro — atalhei. — E o juro?

— 15 por cento ao ano. Não é muito.

— Pois não.

— Ah! — acrescentou Ambrosio — ha um pequeno pormenor. Tenho que lhe pagar adeantado o juro de 8 anos. Mas isso é o menos.

— Pois é claro.

AGUINALDO MACHADO.



— Fazem-nos velhos! Quem me dera no tempo em que levava a mão para casa de tipoia...



— Mais um descarrilamento! Bem fazemos nós, os vagabundos que andamos sempre a pé...

# Versalhada

As traças são bichinhos que devoram  
Os tapetes, os fatos e vestidos,  
E como os mosquitos incomodam,  
Muito embora não seja com zumbidos.

Eu sei que ha guarda-roupas p'ra evitar  
Que um abafco, ou adorno de valor,  
Se deixe pouco a pouco perfurar  
Com tantos furos como um passador.

Mas não evita o ter-se cuidadoso  
Co'a acção nefasta destes tais bichinhos,  
Que iludem qualquer ser bem cauteloso  
E tudo furam até os pergaminhos.

Porém, eu com franqueza lhes garanto  
Que acabo de saber — quem tal diria?! —  
Que a traça ataca o grude, o adorno,  
Além do mais que houver na drosaria.

Tanto assim que um vizinho que nós temos  
Na rua cá do Fize, bons leitores,  
Arranjou um letreiro onde podemos  
P'ra leitura fadarmos sabedores.

Que o modo melhor de que vos trato  
Faz treca de qualquer insecto, e  
E o drosaria, deserta hem'ra de treca,  
Vender CAL TRACANA E GARANTIDA.

N. de R.

Infama e continua do jornal  
Que tal tracada é cal, mas misturada,  
E que o bicho na calçada não faz mal,  
Sendo, pois, evidente a estrada.

ALEXANDRE SETTAS.

A Gabriela Barbosa  
E' linda como os amôres,  
Bem feitinha, donairoza;  
Mas, apesar de formosa,  
E' livrar dos seus furores!...

Venenosa qual serpente,  
Tem furias de estarrecer;  
Qualquer mortal que se tenté  
Co'a sua beleza ardente,  
E' tem com isso a perder.

Ja ela noutro dia  
Descendo pelo Chiado,  
Como sempre succedia,  
Ficava logo embebedada,  
Todo o basbaque que a via.

Um amigo, que ali estava  
Comigo dando á Trameia,  
Como a regra não escapava,  
Ficou, quando ela passava,  
Perdido de amôres por ela.

Eu como sou seu amigo,  
Resolvi dar-lhe um aviso,  
E disse-lhe então: — «Rodrigo,  
Toma cuidado comtigo,  
Que ela vira-te o juizo!...

Aquilo é mulher danada,  
Incapaz de boas obras;  
Cruel, feroz, desalmada...  
E não te digo mais nada:  
Só sei que é má com'as cebras!...

Diz-me ele: — «Cala-te lá!  
Não digas coisas á toa!  
Que gosto tens, diz-me cá,  
P'r'achares esta mulher má?  
Eu... acho-a até muito boa!...»

CELMARNO.



— Diz-me a razão porque sempre que entro aqui a encontro a lér?  
— Porque o patrão não faz barulho quando entra...

## O DESTINO DE ANATOLIO

Anatolio era o que se chama um excelente rapaz. Amigo do seu amigo, prudente e honesto em todos os actos da sua vida, uns milhares de escudos que seu pai lhe deixara permitiam-lhe levar uma existencia sosegada.

— Trabalharei como qualquer outro, afirmava ele, sempre que qualquer amigo lhe levantava a hipotese de perder a fortuna.

Ora, porque mais facil é succeder a alguém uma desgraça do que uma coisa agradável, Anatolio foi um dia surpreendido com a falencia do Banco onde tinha todos os seus haveres depositados.

\*\*\*

Nos primeiros dias não soube o que fazer, de tão preocupado que andava. Mas a pouco e pouco veio a serenidade. Do dinheiro deixado pelo pai restavam-lhe apenas uns miseraveis escudos que tivera o bom senso de não depositar, dinheiro que, por mais «filhos que tivesse», não chegaria para mais de oito dias.

Resolveu, por isso, cumprir a palavra dada nos tempos de fortuna, procurando um emprego.

— O melhor — disse para consigo Anatolio — é procurar uma agencia de criadas e criados. Sempre terei cama, mesa e roupa lavada.

E, se o pensou, assim o fez — Tenho muita pena, mas... neste momento apenas tenho o pedido de uma criada... Já vê que não lhe serve...

— Oh! mas faça favor de me dar essa direcção, porque serve para minha mulher, que tambem está desempregada — disse Anatolio com um pensamento reservado.

— Com todo o prazer...

Mela hora depois, Anatolio batia a uma porta das Avenidas Novas.

— Mas eu não pedi um criado. Pedi uma criada.

— Sim, mas como v. ex. sabe, ha agora uma grande dificuldade em arranjá-las, e lá na agencia deram-me a direcção de v. ex., porque talvez eu pudesse servir... Tenho imensa vontade de trabalhar... V. ex. não calcula...

O dialogo continuou, e de tal forma Anatolio se tornou simpatico á dona da casa que esta resolveu chamar o marido:

— O' Joaquim! O' Joaquim! Esta aqui este senhor que se oferece para criado... Que dizes? Talvez seja melhor que uma criada...

— Faz o que entenderes — respondeu o sr. Joaquim, retirando-se para a salinha donde saíra momentos antes...

— Bem... Está dito... O ordenado são cem escudos... Quando pode começar a fazer serviço?

— Já mesmo, se v. ex. quiser... — Optimo... Então venha vêr o seu quarto.

E Anatolio e a dona da casa subiram uma escada que os levou ao sótão.

— Aqui tem o seu quarto... Tenha-o sempre limpo...

— Sim, minha senhora... Subito, Anatolio viu-se agarrado pela dona da casa...

— Então, minha senhora! Tome cuidado! Olhe que eu chamo o seu marido.

Ao que a dona da casa respondeu:

— Podes chamá-lo á vontade! Ha muito tempo que esse patife me engana com todas as criadas cá de casa. Agora chegou a minha vez!...

## Elevador da Gloria

No hospital:  
O medico: — Deu um laxante ao n.º 15?  
O enfermeiro: — Que desgraça! Dei 15 ao n.º 1!

\*\*\*

Ela: — Porque ap'resentam sempre o amor Cupido com um arco e umas setas?

Ele: — Que querias? Que o apresentassem com uma espingarda?...

\*\*\*

O oficial: — Se não bebesses tanto, já podias ser sargento!

O soldado: — E' que quando bebo, meu capitão, sinto-me general...

\*\*\*

A mulher: — Para que levas a mala para a rua? Pegas perdidão.

O marido: — Mas...  
A mulher: — E' que a quero ter á mão quando for necessario observares alguma coisa...

\*\*\*

Entre amigos:  
— Foram pedir á tua fabrica para as «Florinhas da Rua»?

— Sim!  
— Dêste alguma coisa?  
— Sim. Dei autorização para pedirem no pessoal...

\*\*\*

No escritorio:  
O chefe: — Uma licença de oito dias?

O empregado: — E' que morreu minha mulher. Quando v. ex. perdeu a sua esteve um mês sem vir ao escritorio...

O chefe: — Mas você quere comparar o desgosto dum empregado com o desgosto dum chefe?...

\*\*\*

Cincoenta anos depois:  
Ele: — Antes de celebrarmos as nossas bodas de ouro, fui confessar-me.

Ela: — E que penitencia te deu o padre?

Ele: — Nenhuma! Disse-me que era sufficiente meio século de matrimónio...

\*\*\*

Entre noivos:  
Ele: — Tu és divina, Alice!  
Ela: — Como me agrada que tenhas os mesmos gostos do Antonio!

\*\*\*

Depois da traição:  
Ela: — Não estejas zangado!  
Ele: — Impossivel!  
Ela: — Esqueçamos o passado, dá-me um presente e serás o meu futuro...



— Estás quando vais almoçar?  
— Vou já. E só estender cotas «rentiens gorges...»



— Dizem que os cegos conhecem as coisas pelo tacto...  
— É! Minha filha, quando engoma, conheço a ferro está quente...



— Como é que você está nesse estado?  
— E a senhora não esteve assim há dois anos?  
— Sim, mas é diferente, porque era do meu marido.  
— E a mim também foi ela, minha senhora.

## A retalho

Um funcionario camarario colonial enviou ao respectivo governador a seguinte supplica, que não deixa de ter a sua piada, salvo qualquer rumor em contrario:

Ilustre governador,  
Por favor,  
Acuda aos funcionarios  
Camararios,  
Que numa extrema miseria,  
Deleteria,  
Já não sabem que fazer,  
Pra atender  
As emergencias da vida,  
Mal ferida  
Pela desgraça fatal...  
Infernal,  
Que os traz a todos rendidos,  
Aturdidos...  
Pois já não sabem onde ir  
Mais pedir  
Ajuda pr'o seu sustento  
O orçamento  
Suplementar deste ano  
Muito thamo  
Venho pedir pra...  
E acabar  
Este tão longo martirio  
Que em delirio  
Tanto temos suportado,  
Pois que o Estado,  
Ha muito já que aprova  
E pagou  
Os actuais vencimentos,  
Tais aumentos  
Já dez meses vai fazer  
Que a sofrer  
Anciosamente aguardamos,  
Esperamos  
Da vossa munificencia,  
Excelencia,  
Que sem mais retratamento  
O orçamento  
Aprovareis sem demora,  
Muito embora  
Dos meus colegas não tenha  
Nem provenha  
Alguma procuração...  
Do coração  
Eu desde já lhe agradeço  
E apeteço  
Mui longos anos de vida  
Tão garrida,  
Que nesta senda de abrolhos  
Os escolhos  
Nunca vos possam colher  
Nem prender.  
Mais uma vez agradeço  
E não esqueço  
A quem o dever fascina  
E asstna,  
Sem uma sombra de tédio,  
José da Silva Eusebio.

BARBEIE-SE COM LAMINAS

GERMAN HOPPE

tempo

# Tac-Tac-Tac

Valerio, que fôra a Louza por via dum negociosinho de purgueira, almoçara com gôsto em casa dum seu compadre. E, como o Jorge, seu cavalo fiel, criara esparvões de tanta pedra que acarretára sem descanço, fôra e voltara a pé — *pedibus calcantibus*, como lhe dissera o prior da Povoá, com risonha ironia.

Nas alturas do lugar das Pêgas, porém, o lauto almoço que manducara com gulosa brutalidade e o *vinhinho* que ingerira em quantidade (porque não custava dinheiro) caíram-lhe na fraqueza; e ele, então, sentiu uma irresistível tentação de dormir a sesta.

Tirou cuidadosamente o casaco justinho e incomodo e, dobrando-o em dois, estendeu-o sobre a relva aljofrada dum talude. Desapertou a cintura e a braguilha que lhe asfixiavam os êstos selváticos dos intestinos trovejantes de gazes mal contidos e, amostrando o posterior das calças, reforçado prudentemente com dois fortes fundilhos de côr mais clara, deitou-se num abrir-de-bôca satisfeito, adormecendo logo. Dois minutos depois, roncava como um porco a que na vespera houvessem, capado.

E sonhou. Via-se á porta da loja, agora enorme e pintada de fresco, vendendo gasolina a uma grande e linda camioneta do Isidoro.

Aquele, sim, que era bem bom freguês! Trabalhador honesto e esforçado, o Isidoro não descançava na sua faina; e, por cada vitória que alcançava na frequencia dos seus carros, entendia do seu dever adquirir novos motores, construir mais comodas carroseries (em que ele primava como fabricante) em-lim, e nuna palavra, correspondia, como homem de probidade inconfessada, ao favor do publico que, com justa razão, lhe frequentava, contente, as carreiras da sua empresa.

E Valerio, sorridente, via-o no seu sonho, a cada momento, fazer encher os depositos das suas camionetas com a gasolina que, á porta da loja, lhe fornecia.

De repente, viu uma delas estacionar. Não arrancava mais! Um fumo denso envolvia o vulto do enorme carro, espalhando no ambiente um cheiro acre e insupportavel. Toda a gente havia descido. Havia gritos de surpresa. E, num ápice, com um grande estampido, toda aquela bizarra rebentara, explodindo e desfazendo-se em pedaços pelo ar. Corpos sangrentos jaziam pelo chão. Longos gemidos agonizantes enchiam o ar de dolorosos sons.

Nisto, apparecera a policia. E da figura ensanguentada do condutor saíra, gigantesco e horrivel, um grande, enormissimo dedo que o apontava a ele, Valerio, ferindo-lhe a face, a suor frio, com uma imensa unha arreperante e acusadora.

Faltou-lhe a respiração. Num salto brusco, despertou do pesadelo. E, pondo-se de pé, olhou desvairadamente á volta de si, a vêr se a policia o persegula.

Não! Ainda bem! Aquilo fôra apenas um sonho. Ainda bem!

E vestindo, ainda com um certo receio, a vésia apertada, meteu pés ao caminho, asobiando para fingir de contente.

Final, (pensava ele, já socegado) ninguém descobrira que ele falsificava a gasolina com petroleo e o petroleo com amoniaco...

Quando chegou a casa, ia cansado. Bebeu, dum trago, um quartilho e perguntou á mulher:

— Veio alguém da policia?

— Vieram uns de Louza, que levaram um peso de quilo que só tinha 800 gramas.

— Antes assim! — exclamou Valerio, respirando fundo.

— Tu estás bebado, Valerio! — sentenciou a mulher com surpresa.

— Não estou. Mas, se em vez do peso, eles verificassem a gasolina, bem pior seria.

E pondo, junto ao posto, um bidon novo, foi-se logo a estudar a maneira de fabricar queijos frescos com o cuspo que o grande susto lhe criara na bôca...

CIRANO DE VELHOFRAC.



— Hoje ensinaram-me uma palavra muito comprida...  
— Qual é?  
— Elástico...  
— Mas ha mais compridas!  
— Pois sim, mas esta pode-se esticar...

## As doçuras

Passou uma solteirona desta para melhor, deixando a um irmão uma fortuna de trezentos contos de rendimento.

O tal mano era o maior avarento de que havia noticia depois da descoberta da imprensa. Teve, porém, sempre um fraco pela irmã, que também gostava dele. Sob este ponto de vista, eram dois manos modelo.

Ora uma das clausulas testamentarias era a que segue:

«Querendo obrigar meu estremoso irmão Aniceto, no interesse da sua alma, a conhecer as doçuras da caridade, imponho como condição fundamental, para entrar na posse desta herança, dar ou mandar dar, todos os sabados, dez escudos ao primeiro pobre que encontrar.»

Nos primeiros dias, o avarento desgrazinou, como dizia o saudoso *Pad-Zé*, os dez «milhos» da ordem; mas com tal repugnancia o fazia que as tais doçuras da caridade eram para ele um misterio maior do que o da Trindade.

Ora Aniceto era, apesar dos defeitos mais ou menos inerentes á fragil natureza humana um homem honrado. E pensou:

— Ignorando eu o que minha irmã que Deus tem quiz que eu sentisse, não realizo as suas ultimas vontades!

E este escrupulo tirava-lhe o sono. Mas que havia de fazer?

Certa manhã, depois de haver parafuzado toda a santa noite, achou. Chegou-se á professora de francês do filho e disse-lhe:

— A *mademoiselle* vai fazer-me um favor. Todos os sabados, quando sair, receberá dez mil réis, que entregará ao primeiro pobre que encontrar ao sair cá de casa. Percebeu?

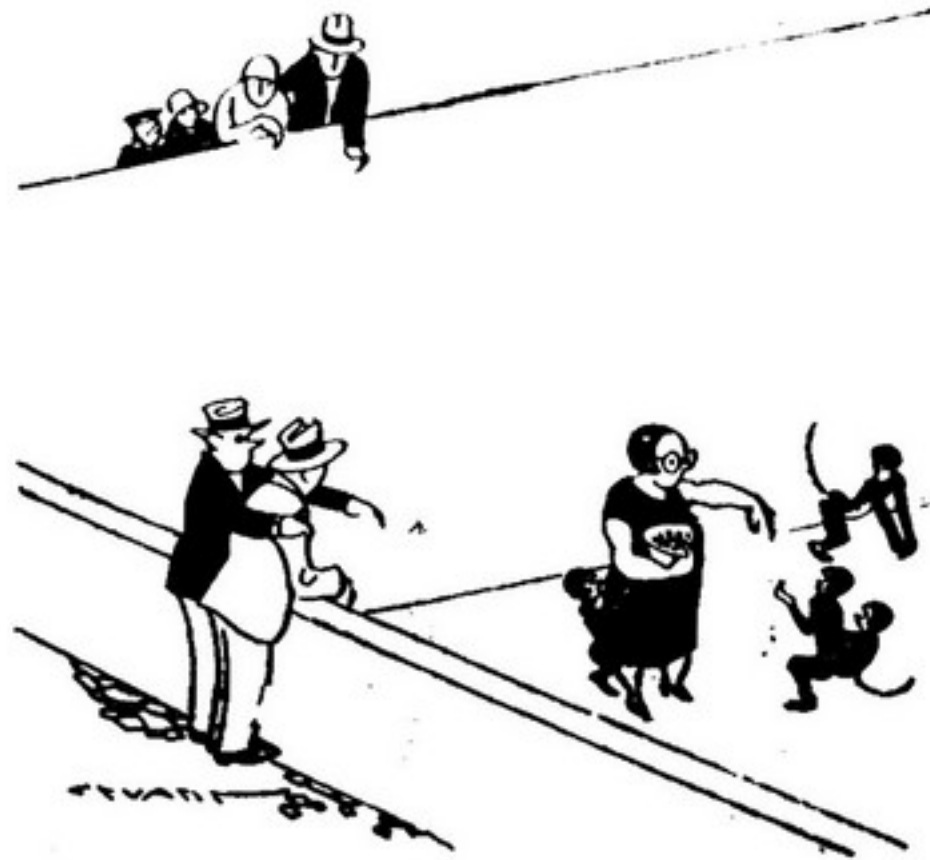
A criatura, mulher de meia idade, catraccga e sêca como uma castanha pilada, muito séria e escrupulosa, aceitou a incumbencia, e já nesse dia, que por acaso era um sabado, pouco trabalho teve em procurar, porque logo encontrou, sentado no rebale da porta, um velhote andrajoso, de olhos escuros e longa barba grisalha, que lhe estendia silenciosamente a mão.

Nos sabados seguintes, o mesmo velho, a mesma mão estendida, os mesmos dez escudos desaparecidos na algibeira remendada do pobre...

Um quarto de hora depois, na cave do palacete, o rico avarento, tirando os olhos fumados e as barbatanas, e descobrindo-se da farrapagem, exclamou num suspiro de alívio:

— Ora até que enfim, querida irmã, comprando agora as doçuras de caridade!

THAMAR.



— Aquela é minha mulher; as outras são macacas inofensivas.

## Cacharolete

Entre Sintra e Carcavelos, com vista de mar e serra, bons ares, saudáveis e puros, existe uma linda terra.

Albarraque lhe chamaram, e, entre um vale e uma crista, Jorge Campelo criou o lugar da Boavista.

«Madame» Serra Ribeiro pensou, muitíssimo bem, em arranjar um repouso p'ra vida que a gente tem

E no domingo passado, a família jornalista foi escolher o terreno na citada Boavista.

Houve foguetes, «harmonium», discursos, almoçarada, e, entre tanta festarola, a ideia ficou lançada.

O lugar é bem bonito, mas, no entanto, eu uso fazer votos p'ra que nunca necessitem de repouso.

Que os rapazes dos jornais possuem tão pouca sorte que, na sua maioria, só têm repouso na morte...

O HOMEM DOS TIMEALES.

Farto de viver sózinho, No seu lindo «appartement», Balsemão de Teles Godinho Respondeu certa manhã Ao seguinte anúncio:

«Rapariga nova e forte, Chegada há pouco a Lisboa, Educada e de bom porte, Quer servir em casa boa Sem que a paga lhe importe.»

No dia seguinte entrava Essa moçoila ao serviço E o Godinho observava Não lhe consentir derribo E que folga não lhe dava.

Tinha que fazer comida, Lavar roupa e encerrar, Sem que fosse presumida Nem gostasse de enredar Senão era demitida.

Ao principio essa criada, Embora um pouco vaidosa, Tinha tino, era ajeitada E bastante cuidadosa, Além de muito calada.

Mas depois, a mandriar, Em tudo se desmanzela, Que o Teles tem que ralhar E andar sempre em cima dela Para a fazer trabalhar.

ALEXANDRE SETTAS.

Pretendendo o dono um di- pôr em giro os capitais, montou casa de penhores, com anúncios nos jornais:

«Dinheiro sobre penhores! Juro modico e decencia! Empresta-se bom dinheiro sobre qualquer consciencia!»

Logo no dia seguinte, o dono a casa fechava: eram tantos os fregueses que o capital não chegava...

Que as ferraduras dão sorte, dizem lendas já maduras; por isso têm sorte os burros — têm quatro ferraduras!

ANTÓNIO AMARGO.

RESTAURANT ROMA

## DESSPORTOS

## Coisas passadas na Bola

Nem por ser antigo, deixa de ser interessante o caso que vamos contar, e que aconteceu quando se jogava o encontro de foot-ball entre a Inglaterra e a Espanha.

Logo de entrada, o *team* inglês marcou dois *goals*, o que parecia traduzir a superioridade dos britânicos. Em vista disso, o *captain* inglês dirigiu-se ao arbitro do encontro, que era nem mais nem menos que o conhecido belga Langenus, e assim se exprimiu: — «Sr. Langenus, como vê, estamos ensinando a jogar a bola».

Porém, decorrido algum tempo, o grupo espanhol alcançou o empate.

O *captain* inglês não perdeu a serenidade e deste modo se dirigiu ao *referee*: — «Sr. Langenus, parece que os espanhóis já aprenderam a jogar».

Decorre ainda mais algum tempo, e o desafio termina, com a victoria dos espanhóis.

A saída, o mesmo inglês, com um fino sorriso de ironia, dizia ao arbitro belga: — «Sr. Langenus, os espanhóis bem depressa aprenderam a jogar melhor do que nós».

Resta acrescentar que toda a imprensa espanhola elogiou a maneira correcta como os ingleses aceitaram a derrota.

Onde existe, por esse Portugal fóra, uma *equipe* que saiba perder assim?

Jogava-se o desafio Sporting-Lisboenses, da 2.ª volta do Campeonato de Lisboa.

Silvestre Romãozinho, agora arbitro internacional, dirigia o encontro, mas as suas decisões eram vivamente discutidas pelos jogadores, que com elas não concordavam.

Em determinado momento, Romãozinho assinalou uma falta e,

perante um enorme silêncio, ouviu-se o Silva Marques, mais conhecido pelo Zabala, indignado, a gritar: — «Mas, ó sr. arbitro, isto é o bolchevismo da arbitragem!»

★ ★ ★

Um conhecido jornalista desportivo, de pequena estatura mas de grandes aspirações, e de mais para mais com a mania de *Técnico máximo*, propunha ha tempos a nomeação de *fiscais* para vigiarem o trabalho dos arbitros de *foot-ball*.

Consta-nos que essa excelente ideia vai ser aceite e posta em pratica, mas com muito maior amplitude.

Além desses *fiscais*, serão também nomeados outros *fiscais*, com a missão de vigiarem o trabalho dos primeiros *fiscais*.

E é possível até que se nomeiem *terceiros fiscais* para vigiar a acção dos *segundos fiscais*, que devem, por sua vez, olhar pela acção dos *primeiros fiscais*, a quem incumbe vigiar o trabalho do arbitro.

Assim, sim. Assim é que está certo.

★ ★ ★

Parece que o valioso titulo de Campeão de Lisboa faz mai aos *clubs* que o conseguem alcançar.

Ao Sporting, pelo menos, tal está acontecendo.

E senão, consultemos a historia do Sporting, desde que ele ostenta o titulo máximo de Lisboa:

Sporting-Luso (1 a 1)  
Sporting-Barreirense (0 a 3)  
Sporting-Marvilense (3 a 2)

Para que servem, então, os titulos em *foot-ball*?

Se os resultados que apontamos são autenticas *reinações*...

JONICA.

## No Camões



— Respectable public, aqui no hay trampa ninguna.

## Prosa de Cha-Velho

Muitos parabens a Vossas Excellencias, queridos leitores «aficionados» que domingo passado estiveram no Campo Pequeno! Muitos parabens, senhores «ganaderos» Infante da Camara! Muitos parabens, senhor Marcial Lalande e senhores Simão da Veiga e João Nuncio! Aquilo é que foi uma tourada em cheio, uma autentica «tourada real», como se dizia no tempo em que os touros ainda não eram republicanos. Muitos parabens, «seu» Manuel dos Santos e «seu» Jota Jota Segurado! Muitos parabens a todos!

★ ★ ★

O meu admirado colega «El Terrible Perez», que é o primeiro critico português do mundo e um rapaz muito simpatico, terminava assim a sua critica á ultima tourada do Campo Pequeno:

«Assim é que se organizam touradas, Mestre Segurado, com touros bravos, com esse par de cavaleiros que Deus nos deu, e com «espadas» como Marcial, menos joven que aquele «Bienvenida» dos nossos encantos, mas merecedor de voltar depressa ao Campo Pequeno, porque temos um dedo que nos diz que o sabio Marcial, já pôde de rico, não tardará a seguir o exemplo de Antonio Marques, retirando-se do toureio. E se bem está que voltemos a aplaudir o cigano «Cagancho», supersticioso e artista, bom será também ver outros toureiros modernos, valentes sem *superstições*, como esse valenciano que se chama Felix Rodriguez e esse outro mexicano que dá por Balderas. «Estamos?»

PEREZ LA CHAISE.

## Pobre Guaraná

As folhinhas já perderam as esperanças de que haja Primavera este ano.

O sol deita o olho de fora, mas não aquece porque o vento sopra rijo e gela tudo.

Ha cafés onde o sorvete já tem aparecido feito por si, sem que ninguém dê á manivela.

Um amigo nosso, apaixonado pelo Guaraná, que é o melhor refrigerante conhecido, dorme com uma garrafa do precioso refresco a cabeceira, á espera dum momento de calor, mas nem na cama que é parte quente, o tempo aquece. E o Guaraná, que mesmo sem ser gelado, refresca a gente como se tivesse o condão de pôr ventoinhas na barriga de cada um, lá está á espera que chegue a primavera.

E o nosso amigo já diz: — Por agora, ná, que é como quem diz: ainda não chegou a hora do Guaraná. Patifa de Primavera!

## Quereis dinheiro?

Joga! no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

# ECOS DA SEMANA

ECOS DE VARIAS SEMANAS SEM PALAVRAS

